

Derrota em Dois Atos: as Representações na Imprensa Nacional das Eliminações do Brasil nos Mundiais FIFA da Rússia e do Qatar¹

José Carlos Marques²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo que busca analisar quais formações discursivas, conforme definição de Michel Foucault (2004) na obra “A Arqueologia do Saber” (lançada em 1969), estiveram presentes no jornalismo impresso a respeito das três últimas Copas do Mundo FIFA. Neste texto, trataremos apenas das eliminações da Seleção Brasileira no Mundial de 2018 na Rússia e no Mundial de 2022 no Qatar. Centraremos nosso corpus de pesquisa em capas de jornais brasileiros. Partimos do pressuposto de que as primeiras páginas de veículos impressos carregam formulações argumentativas e efeitos de sentido que se constroem por meio da relação entre o discurso verbal (manchete, título, legenda) e o discurso visual (fotografias, ilustrações) na perspectiva da leitura de seus interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo brasileiro; futebol; Seleção Brasileira; formação discursiva; Copa do Mundo de Futebol.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo³, que busca analisar quais formações discursivas, conforme definição de Michel Foucault (2004) na obra “A Arqueologia do Saber” (lançada em 1969), estiveram presentes no jornalismo impresso a respeito das três últimas Copas do Mundo FIFA. Neste texto, trataremos apenas das eliminações da Seleção Brasileira no Mundial de 2018 na Rússia e no Mundial de 2022 no

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Esporte, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Livre-Docente em Comunicação e Esporte (Unesp) e Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Unesp). Líder do Grupo de Estudos em Comunicação sobre Esporte e Futebol (GECEF) e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens). E-mail: jose.marques@unesp.br.

³ Este trabalho deriva de pesquisa financiada pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Qatar. Centraremos nosso corpus de pesquisa em capas de jornais brasileiros espalhados por diferentes Estados do país, de acordo com a sua importância e representatividade em função da tiragem. Partimos do pressuposto de que as primeiras páginas de veículos impressos carregam formulações argumentativas e efeitos de sentido que se constroem por meio da relação entre o discurso verbal (manchete, título, legenda) e o discurso visual (fotografias, ilustrações) na perspectiva da leitura de interlocutores.

Além disso, pretendemos compreender o funcionamento discursivo destas capas e perceber as relações de sentido, historicidade e materialidade em torno das noções de nacionalidade na oposição Brasil x Europa, haja vista a eliminação do Brasil para duas seleções europeias (a Bélgica, em 2018, e a Croácia, em 2022). Em suma pretendemos verificar quais as expectativas estavam presentes nos jornais brasileiros no dia destas duas partidas e no dia seguinte à realização dos dois jogos – e quais as formações discursivas se constituíram diante destes insucessos da “seleção canarinho”.

Nas duas competições, o treinador da seleção brasileira era o mesmo, Adenor Bacchi (conhecido popularmente como Tite), o qual havia iniciado esse trabalho em 2016 com grade apoio da opinião pública e da imprensa especializada. A primeira eliminação, em 2018, quebrou em parte o encanto em torno do técnico, algo que ganharia novos e distintos contornos com a eliminação em 2022. Outro destaque da equipe brasileira nas duas competições aqui destacadas, como não poderia deixar de ser, foi o jogador Neymar, que em grande parte galvanizou as atenções da imprensa diante das derrotas do Brasil. Por fim, interessa-nos também perceber a primeira página dos jornais impressos como um palco privilegiado de apresentação das forças discursivas que movem o trabalho de cada empresa jornalística e sua relação com os fatos que envolvem uma Copa do Mundo de futebol. É na capa do jornal que transparecem as formações discursivas de adesão, conflito, concordância, recusa, silenciamento etc. de cada alocutário em sua relação com os diferentes interlocutores. É ainda na primeira página que estão sintetizadas as formas de reconstrução do mundo perpetuadas pelo discurso verbal e visual de cada veículo de imprensa. Além disso, a linguagem jornalística não é formada apenas pelo seu conteúdo textual, haja vista que o jornal impresso é também – e acima de tudo – um objeto gráfico.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO:

O uso da linguagem permite o surgimento de infinitas formas discursivas. Entretanto, certos enunciados, apesar de poderem variar no que diz respeito a seu conteúdo e

estrutura, manteriam algumas características comuns, ou seja, conservariam o que Bakhtin chama de “tipos relativamente estáveis”. Um dos propósitos de nossa análise está justamente em buscar o estabelecimento desses tipos de enunciados relativamente estáveis, a partir das capas dos jornais impressos. Entretanto, se para Bakhtin a noção de gênero relacionava-se à consignação dos enunciados relativamente estáveis, uma nova formulação surgida no final da década de 1960 mostrar-se-á mais apropriada para a classificação que pretendemos empreender em nosso *corpus*. Trata-se, como já afirmamos anteriormente, do conceito de formação discursiva estabelecido por Michel Foucault e a partir do qual estarão centradas nossas análises.

Para Foucault, os enunciados, mesmo que distintos em sua forma e dispersos no tempo, são capazes de formar “um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”. (FOUCAULT, 2004, p. 36). É a esse conjunto de enunciados, definidos por certas características comuns (sejam elas linguísticas ou temáticas), que chamamos de formação discursiva.

Para melhor compreendermos este, partimos da ideia de que os discursos, incluindo-se aqui o discurso midiático, fazem uso de certas organizações conceituais, certos agrupamentos de conteúdos (temas) e formas de enunciação, como nos explica Foucault:

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1986, p. 43)

Desse modo, a formação discursiva supõe uma singularidade, possibilitando a passagem da dispersão para a regularidade. A mecânica que estabelece o funcionamento de uma formação discursiva, para Foucault, supõe um sistema de múltipla relação entre objetos, tipos enunciativos e estratégias. Uma formação discursiva, portanto, “determina uma regularidade própria de processos temporais”, uma vez que articula uma série de acontecimentos discursivos com outras séries de acontecimentos, transformações e processos. Para ele, uma formação discursiva

(...) não desempenha, pois, o papel de uma figura que pára no tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos,

transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.” Foucault (2009, p. 83).

Foucault entende ainda que uma formação discursiva compreende:

(...) um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (cf. FOUCAULT, 2009, p. 86).

Portanto, as normas que determinam uma formação discursiva constituem-se por meio de um sistema de relações entre conceitos, estratégias e objetos. Composta por esses elementos, ela ultrapassa então a dispersão e ruma em direção a uma certa regularidade.

Cabe referir, entretanto, que também Michel Pêcheux, autor fundante daquilo que se convencionou chamar de Análise de Discurso de linha francesa, estabeleceu uma definição distinta para o conceito de “formação discursiva”. Para uma compreensão mais alargada da hipotética disputa entre Foucault x Pêcheux em torno desta questão, destacamos ao menos quatro artigos, que nos são bastante elucidativos: “Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão”, de Roberto Leiser Baronas (2011); “Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades”, de Maria do Rosário Gregolin (2005); “Uma noção com dois fundadores: formação discursiva”, de Thiago Barbosa Soares (2018); e “O conceito de formação discursiva na análise de discurso: contribuição foucaultiana para a constituição de um campo interdisciplinar do saber”, de Pedro Farias Francelino (2005). Se na obra foucaultiana o conceito de formação discursiva aparece inicialmente no livro *A arqueologia do saber*, lançado em 1969 – conforme já referido –, em Michel Pêcheux o conceito está presente no artigo “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”, escrito em 1971 em coautoria com Claudine Haroche e Paul Henry.

Para Pêcheux, seria necessário abandonar epistemologicamente as propostas da linguística de Ferdinand de Saussure e debruçar-se sobre a problemática do discurso a partir do materialismo histórico (aqui, destaca-se a influência dos escritos de um de seus mentores, o filósofo Louis Althusser, segundo o qual as coisas e os objetos poderiam ser colocados em perspectiva com a ideologia). Pêcheux refirmava assim aquilo que ele já

vinha desenvolvendo – e que viria a formalizar em escritos posteriores – em torno da Análise do Discurso, segundo a qual discurso e contexto seriam indissociáveis.

Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” em conflito umas com as outras. (PÊCHEUX, 2011 [1971], p. 73). Para Pêcheux, a formação discursiva é “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Vemos assim que a concepção de formação discursiva em Foucault está subordinada à noção do saber, e não à noção de ideologia, como vai ocorrer com Pêcheux, influenciado pelo viés marxista de Louis Althusser, que prioriza a luta de classes na constituição das relações sociais.

Por outro lado, Pêcheux irá valorizar a relação da formação discursiva com o seu interdiscurso, um exterior heterogêneo com o qual ela mantém relação direta. Para ele, uma formação discursiva é constituída por aquilo que lhe é exterior, conceito fulcral para a constituição epistemológica da Análise do Discurso, que procura buscar as relações de conflito, adesão ou silenciamento entre o próprio discurso e seus interlocutores (Brandão, 1991; Orlandi, 1999). Todo discurso remeteria a outros discursos, sob forma de afirmação, contrato, negação, contradição etc. O sentido da formação discursiva estaria relacionado a um exterior ideológico, vinculado a uma formação ideológica. Assim, tão importante quanto se analisar o discurso seria analisar-se as condições de produção em que ele foi gerado e posteriormente consumido:

O discurso não é um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe só por sua existência; todo discurso marca a possibilidade de uma destruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 1997, p. 56).

Como vimos, se as bases teóricas em que Pêcheux baseia a definição do conceito de formação discursiva apontam para uma tradição da herança do pensamento marxista na Europa ocidental, Foucault baseia sua definição numa tradição historicista, a partir da separação entre classes e luta de classes (algo rechaçado inicialmente por Pêcheux na

leitura que faz de Foucault). Em síntese, cabe ao analista de discurso investigar as condições complexas (que são, ao mesmo tempo, de ordem linguística e extralinguística) nas quais um determinado enunciado acabou sendo concebido e divulgado.

Neste nosso estudo, optamos por trabalhar inicialmente na esteira da contribuição foucaultiana por entendermos que a tradição historicista seria adequada para o escopo e o propósito que desejamos alcançar. De todo modo, não se pode ignorar a contribuição de Pêcheux, que prefere incluir na análise discursiva as filiações ideológicas de cada discurso. Os linguistas aqui citados, aliás, mostram certo consenso em perceber que a pretensa oposição Foucault x Pêcheux no que diz respeito à definição do conceito de formação discursiva não configura exatamente uma contradição ou uma oposição entre as duas formulações, haja vista o fato de Pêcheux ter revisado sua posição em escritos ulteriores e se aproximado das postulações foucaultianas (SOARES, 2018; GREGOLIN, 2005).

LEITURAS A PARTIR DO *CORPUS* DE ANÁLISE

O objeto de pesquisa é composto da seguinte forma: inicialmente, conseguimos reunir 26 capas de jornais brasileiros do dia 7 de julho de 2018, dia seguinte à realização da partida Brasil 1 x 2 Bélgica pelas quartas-de-final da Copa do Mundo FIFA da Rússia; e também 23 capas de jornais brasileiros do dia 10 de dezembro de 2022, dia seguinte à realização da partida Brasil 1 x 1 Croácia pelas quartas-de-final da Copa do Mundo FIFA do Qatar (vitória da Croácia na cobrança de penalidades). Os arquivos foram coletados em portais que organizam de forma pública esse tipo de material (es.kiosko.net, <https://24.sapo.pt/jornais>, <https://www.vercapas.com.br/#jornais>).

Como *corpus* de análise das duas situações, selecionamos seis periódicos que, no período entre 2018 e 2022, figuraram entre os dez de maior tiragem no país compreendendo as regiões Sul, Sudeste e Nordeste.⁴ São eles: *A Tarde* (BA), *Estado de Minas* (MG), *O Estado de S. Paulo* (SP), *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ) e *Zero Hora* (RS). As edições a serem analisadas referem-se à partida do dia 6 de julho de 2018, quando o Brasil foi derrotado pela Bélgica (1 x 2) nas quartas-de-final da Copa do Mundo de 2018 na Rússia; e as edições referentes à partida de 9 de dezembro de 2022, quando o

⁴ Os dados de circulação de jornais impressos no Brasil foram obtidos a partir de compilação realizada pelo site Poder 360 ([//static.poder360.com.br/2023/02/circulacao-jornais-no-impresso-digital-ivc-2015-2022-1.png](https://static.poder360.com.br/2023/02/circulacao-jornais-no-impresso-digital-ivc-2015-2022-1.png)), a partir de dados do IVC (Instituto de Verificação de Comunicação). Acesso em 10 ago. 2023.

Brasil foi derrotado nas cobranças de pênaltis para a Croácia (após um empate de 1 x 1 nos 90 minutos e prorrogação), nas quartas-de-final da Copa do Mundo de 2002 no Catar.

A Copa de 2018

Inicialmente, devemos lembrar que uma capa de jornal pode conter mais de uma formação discursiva, até porque os discursos podem ser transversais e polifônicos. No caso da eliminação da Seleção Brasileira para a Bélgica na Copa do Mundo de 2018, destacam-se especialmente as seguintes formações discursivas: 1) o adiamento ou a despedida da conquista do hexacampeonato (o Brasil poderia obter na Rússia o sexto título mundial); 2) a personificação do insucesso em torno do jogador Neymar, nome de maior relevância técnica e midiática daquela equipe; 3) a nova derrota do Brasil, depois dos insucessos nos Mundiais de 2006 na Alemanha (França 1 x 0 nas quartas de final); de 2010 na África do Sul (Holanda 2 x 1, também nas quartas-de-final); e de 2014 no Brasil (Alemanha 7 x 1 nas semifinais do torneio).

Os seis jornais selecionados para análise, de forma unânime em 2018, representaram em suas capas o jogador Neymar (**Figuras 1 a 6**, a seguir).



Figura 1

Figura 2

A *Tarde* (**Figura 1**) apresenta o atleta com uma expressão de desconforto, ao lado do título “Hexa adiado”, mesma formação discursiva do *Estado de Minas* (**Figura 2**), que apresenta o título “Seis razões para o ADEUS ao sonho do hexa”, com o jogador aparecendo de costas, saindo do campo já vazio após o jogo.

O *Globo* (**Figura 3**) opta por uma fotografia carregada de efeitos de sentido ao mostrar o jogador ajoelhado, sendo consolado por um adversário belga, além de um título metafórico ao dizer que “Bélgica dá xeque-mate no Brasil”, revelando o arranjo tático e estratégico da seleção europeia.

Fotografia igualmente simbólica é a destacada pela *Folha de S. Paulo* (**Figura 4**), com o jogador agachado, à direita, quase que encoberto pelas várias pernas de jogadores belgas em primeiro plano comemorando o triunfo. O título da *Folha* remete ao levantamento estatístico que prioriza o fato de que o “Brasil perde nas quartas da Copa pela 3ª vez neste século” (aqui, excluiu-se da manchete a eliminação para a Alemanha na Copa de 2014, uma vez que o jogo era válido pela semifinal).



Figura 3



Figura 4

Já o *Estado de S. Paulo* (**Figura 5**) estabelece um registro irônico ao afirmar que o “Brasil cai na real”, ao lado de uma imagem de Neymar levando a camisa à boca, enquanto jogadores belgas festejam ao fundo a classificação. Por fim, o *Zero Hora* (**Figura 6**) estabelece a maior metáfora da derrota com o título “Hexadesolação”, apontando ao mesmo tempo para o insucesso diante da Bélgica e a tristeza pelo fato de o hexacampeonato não ser possível. A imagem também é por demais carregada de efeitos de sentido ao apresentar o jogador Neymar sozinho e cabisbaixo, no meio do campo vazio.



Figura 5



Figura 6

Como pudemos ver, para além da formação discursiva predominante que privilegiou a figura do jogador Neymar, associando-o ao insucesso na partida com a Bélgica, as formações discursivas secundárias se alternaram ora entre o destaque para a derrota, ora entre o adiamento do referido “sonho do Hexa”.

A Copa de 2022

Algo com outras nuances será percebido nos mesmos seis jornais por ocasião da eliminação do Brasil na Copa do Mundo do Catar de 2022 (**Figuras 7 a 12**). Aqui, as formações discursivas que se destacam são: 1) os registros irônicos em torno da derrota para a Croácia; 2) a responsabilização coletiva – e não mais centrada apenas no jogador Neymar – pelo insucesso; 3) a recorrência à simbologia do choro diante da eliminação na Copa. De maneira colateral, embora isto não apareça nas imagens e nas manchetes de capa, o técnico Tite também passa a ser alvo de críticas nos textos secundários presentes nas primeiras páginas dos periódicos.

Os discursos irônicos aparecem no jornal *A Tarde* (**Figura 7**), com o título “... e a Seleção dançou”, fazendo alusão ao fato de que a coreografia dos jogadores nas comemorações dos gols do Brasil era motivo até de ensaios durante os treinos; e no *Estado de Minas* (**Figura 8**), que apresenta o título “Zbogom šesti naslov” e a respectiva tradução: (“Adeus hexacampeonato”, em croata).



Figura 7



Figura 8

A *Tarde e o Estado de Minas* também optam por não concentrar apenas em Neymar a responsabilidade pela derrota: no primeiro, o jogador aparece ao lado do colega Rodrygo, que lamenta o insucesso da equipe depois de ele mesmo ter desperdiçado uma cobrança de pênalti; no segundo caso, temos sete jogadores da seleção desolados diante da eliminação.

A representação do choro está presente em *O Estado de S. Paulo* (Figura 9) e na *Folha de S. Paulo* (Figura 10). No primeiro caso, temos o título “Da Copa, só restou o choro aos brasileiros”, ao lado da figura de uma torcedora melancólica no centro de São Paulo; no segundo caso, temos Neymar aos prantos, sendo amparado por um colega de equipe. A *Folha* optou inclusive por não trazer uma manchete que dialogasse com a imagem do jogador, e o título de destaque da capa refere-se à cena político-econômica e à composição do Ministério da Fazenda.



Figura 9



Figura 10

Por fim, o *Globo* (Figura 11) traz a mesma fotografia já presente em *A Tarde* e cristaliza no substantivo “Frustração” um sentimento coletivo do país diante do resultado adverso.



Figura 11



Figura 12

O *Zero Hora* (Figura 12) e o título “Brasil está fora” também coletivizam a derrota com a escolha de uma fotografia inusitada e ímpar no jornalismo nacional e internacional produzida pela agência AFP: nela, temos sete jogadores correndo para comemorar a classificação com o goleiro croata, enquanto o jogador e capitão Marquinhos, agachado e com as mãos a esconder sua cabeça, lamenta o pênalti perdido que definiu a eliminação da seleção brasileira.

Uma leitura mais cuidadosa dos textos que acompanham as imagens e manchetes principais das capas destes veículos mostrará ainda que o técnico Tite, ausente de qualquer menção que o associasse à derrota em 2018, comparece aqui com mais força, ainda

mais porque ele havia anunciado antes do início da Copa de 2022 que deixaria o comando técnico da seleção brasileira qualquer que fosse o resultado em campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que cada frase do texto jornalístico implica numa produção de sentido específica, que acaba por criar diferentes representações da realidade. No caso das duas eliminações do Brasil nas Copas de 2018 e 2022, houve formações discursivas que buscaram responsabilizar determinadas personagens – ora o treinador Tite e/ou o jogador Neymar. Houve também formações discursivas que procuraram tecer uma responsabilização coletiva para o insucesso do Brasil ou, ainda, a culpabilização da estrutura do futebol brasileiro e da entidade que comanda essa prática esportiva no país, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

De todo modo, a reconstrução jornalística implica sempre num recorte da realidade e numa interpretação subjetiva – daí o fato de as capas dos jornais terem produzido sentidos diversos, a partir dos mesmos acontecimentos (as eliminações do Brasil na Copa do Mundo FIFA de 2018 na Rússia e de 2022 no Qatar). Efetuar a leitura do discurso jornalístico é levar em consideração a perspectiva da expressão linguística em conjunto com a expressão visual, que compõem um diálogo intratextual e fazem parte de um contexto social articulador de relações. Unindo o plano de expressão textual ao plano de expressão visual, o discurso jornalístico permite assim diferentes leituras por parte do público. Assim, cada discurso implica uma produção de sentido específica, que acaba por criar diferentes representações da realidade. Por fim, a reconstrução discursiva não significa necessariamente desfiguração do objeto, uma vez que o jornal processa o recorte da realidade e a partir de interpretações subjetivas e dialógicas.

REFERÊNCIAS

BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. Anais do V Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), UFRGS, Porto Alegre, 2011.

BRAIT, Beth. “Leituras, significações, efeitos de sentido”. In **Revista Líbero**, São Paulo: Facasper, Ano VI, vol. 6, nº 11, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7ª ed., Campinas (SP), Editora da Unicamp, s/d.

FRANCELINO, Pedro Farias. “O conceito de formação discursiva na análise de discurso: contribuição foucaultiana para a constituição de um campo interdisciplinar do saber”. Em **Língua, Linguística e Literatura**, UFPB, Vol. 3, número 1, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux. **Anais do II Seminário de Análise do Discurso (SEAD)**, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. **Anais do II Seminário de Análise do Discurso (SEAD)**, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HACK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.